



A oração, no entanto, assume um caráter único e especial quando a celebramos em comunidade, em nome da Igreja unida a Cristo. Por isso, “toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote, e de seu Corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja” (SC 7).

A liturgia é a primeira e necessária fonte da qual os fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão (SC 14). Daí a necessidade de promover a ativa participação interna e externa dos fiéis, segundo a idade, condição, gênero de vida e grau de cultura religiosa (SC 19).

A espiritualidade litúrgica bebe desta fonte. Antecipa, aqui na terra, a celebração escatológica da Jerusalém celeste, onde o Cordeiro Imolado, que reina vivo, se torna fonte inesgotável que aplaca toda sede (Ap 21,6). Quando, enfim, tiverem sido retirados os véus sacramentais, quando as nações todas caminharem à sua luz (Ap 21,24), quando ninguém mais precisar da luz da lâmpada dos símbolos sagrados, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre nós (Ap 22,5), não haverá mais morte, nem luto, porque aquele que está sentado no trono declarou: “*Eis que eu faço novas todas as coisas*” (Ap 21,4-5). Cantaremos, então, o cântico novo da liturgia que não conhece ocaso:

*“Digno é o Cordeiro imolado
de receber o poder, a riqueza e a sabedoria,
a força, a honra, a glória e o louvor.
Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro
pertencem o louvor, a honra, a glória e o domínio
pelos séculos dos séculos”.*

(Ap 5,12-13)

Endereço do Autor:

Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC

Caixa Postal 5041

88040-970 – Florianópolis – SC



Resumo: A “Espiritualidade” foi o tema do II Fórum Mundial de Teologia e Libertação, em Nairobi, de 16 a 19 de janeiro de 2007. Além das informações sobre o evento como tal e sua programação, o artigo comenta os conteúdos abordados, sempre à luz das grandes questões sócio-econômicas, culturais e ambientais, tais como aparecem no Fórum Social. E informa que, infelizmente, com a preocupação da reflexão engajada e militante, as comunicações e os seminários estiveram pouco focados no tema específico. Como perspectivas de futuro para o Fórum, o autor recorda e comenta as quatro recomendações que foram feitas. Descreve também dois momentos transcendentais do Fórum: a visita às favelas de Kibera e Gorogochi, recordando aos participantes que os pobres são o *locus theologicus* por excelência, e a presença e alocução final do arcebispo sul-africano negro, Desmond Tutu. Entre outras coisas, lembrou que também as práticas libertadoras são perpassadas pela condição humana e estão marcadas pela incoerência. Daí a necessidade da humildade, para acolhermos a graça que liberta a nós mesmos.

Abstract: The II. Forum of world wide dimension of the Theology of Liberation, held in Nairobi, brought into focus the theme of “Spirituality” and discussed it at length from January 16 to 19, 2007. In addition to some valid informations on the event and its program, the article offers pertinent comments on the main socio-economic, cultural, and environmental issues which shed some light on the Social Forum. It also provides us with remarks on the reluctance and oppositions about thought patterns raised by engaged trainees and militant groups. As regards future events to be held in the line of the Social Forum the author registers four issues which were put forward and makes some pertinent comments. He describes as well two transcendent moments of the Forum which consisted in the visit to the slums of Kibera and Gorogochi, reminding the participants that the poor are the *locus theologicus* par excellence; the presence and speech of Desmond Tutu, the black archbishop of South Africa was the second main event. Among other things mention was made of specific activities of liberation which are inherent in human behavior and are marked by incoherence. Hence the need of humility in order to be open to divine grace liberating us as well.

Espiritualidade para outro mundo possível

II Fórum Mundial de Teologia e Libertação

Nairobi/Quênia, 16-19 de janeiro de 2007

Agenor Brighenti¹

¹ O autor é Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade de Lovaina, professor de Teologia sistemática no ITESC, de Teologia pastoral na Universidade Pontifícia do México e, de filosofia, na UNISUL. É também Presidente do Instituto Nacional de Pastoral, INP, da CNBB. Membro do Comitê Organizador do II Fórum Mundial de Teologia e Libertação, representando a América.



O evento

Teve lugar, em Nairobi, o II Fórum Mundial de Teologia e Libertação, entre os dias 16 e 19 de janeiro/2007. O primeiro havia sido realizado em Porto Alegre, em janeiro de 2005, cujos resultados estão publicados em L. C. SUSIN (org.), *Teologia para outro mundo possível*, São Paulo: Ed. Paulinas 2006 (485 p.). Este segundo Fórum teve como tema – “*espiritualidade para outro mundo possível*”. Fizeram-se presentes 300 participantes, oriundos dos cinco Continentes, em sua maioria da África, especialmente de Nairobi, seguida da Europa, América, Ásia e Oceania, respectivamente. Para além da reflexão e dos conteúdos, o simples encontro e cruzamento de buscas e realizações em esfera planetária, já justifica por si só o evento. Em tempos de crise de paradigmas e metarrelatos, a experiência se erige como lugar privilegiado para repensar a razão e as razões do existir, do mundo e da fé. Os trabalhos tiveram lugar no *Carmelite Center*, nos arredores da contrastante capital do Quênia. Tal como o primeiro, o segundo Fórum Mundial de Teologia e Libertação aconteceu na semana anterior ao Fórum Social Mundial, que chegou à sua sétima edição, todas exitosas.

Como não podia ser diferente, o Continente africano deu a tônica ao Fórum, não só pela ampla maioria dos participantes e dos conferencistas, mas, sobretudo pela sua riqueza cultural e religiosa e os gigantescos desafios sócio-econômicos, estampados cruamente por sua interpelante realidade. Ao lado da vitalidade e a coragem de sua gente, a miséria de uma África esquecida é uma ferida aberta e exposta de forma agressiva, ainda que amenizada pela esperança e a alegria, a amabilidade e a serenidade de sua gente. No caso dos quenianos, se, por um lado, o incipiente transporte público e o dispendioso transporte privado obrigam a caminhar uma dezena de quilômetros diariamente, por outro lado, o andar solitário e silencioso lhes permite o processamento de invejável estética interior, estampada no espírito de determinação e em seus corpos esguios, de traços precisos, esculturais. Um outro mundo, antes necessário e também possível, depende muito da contribuição da África, portadora das maiores reservas de resistência e esperança do planeta. Também uma outra Igreja possível, passa por sua religiosidade colada à vida, no profundo respeito às suas tradições ancestrais.

A programação

O Fórum compôs-se de conferências, painéis, seminários, comunicações e de inserções diretas em práticas eclesiais libertadoras, nas periferias de Nairobi. Quanto às conferências e painéis, o objetivo era



fazer um diagnóstico da realidade sócio-econômica global e da realidade sócio-religiosa africana, com a finalidade de identificar as conseqüências para as religiões, as Igrejas e a teologia e, desde aí, perguntar-se sobre qual a espiritualidade em que devem estar apoiadas as práticas religiosas. Foram atores destas reflexões, entre outros: François Houtart (Bélgica), Tinyiko Maluleke, John Mary Walligo, Philomena Mwaura, L. Magesa, Tereza Okure (África), Rohan Silva (Ásia), John Sobrino, Eunice Santa de Valéz (América Latina) e J. J. Tamayo (Europa). Quanto às Comunicações de buscas, pesquisas e experiências, elas foram em número de 15, abordando temas em torno ao feminismo, fundamentalismo, diálogo inter-religioso e o compromisso social no contexto da globalização. Já os Seminários foram 24, acrescentando, além dos temas abordados pelas comunicações, realidades como a ecologia, as culturas, a espiritualidade, Aids, teologia, imperialismo, teologia índia e democracia. Momento forte do Fórum foram as visitas a práticas inseridas de cristãos em favelas, orfanatos e iniciativas de promoção humana e desenvolvimento integral. Um das favelas, a de Kibera, com 700 mil habitantes, a maior da África, moveu as entranhas dos visitantes, seja pelo extremo da miséria e das condições de vida, seja pela criatividade de sua gente e o heroísmo das iniciativas pastorais em curso. Outro momento forte foi a presença e a conferência do Arcebispo Desmond Tutu, fechando com chave-de-ouro os trabalhos do Fórum. Foi uma hora, extremamente curta, abrilhantada pela eloqüência de seu testemunho de profeta diante do *Apartheid* e recheada de humor, mística bíblica, profundidade teológica e devotado amor aos pobres e excluídos.

Elementos de apreciação

A metodologia e a dinâmica de trabalho

Por ocasião da realização do primeiro Fórum Mundial de Teologia e Libertação em Porto Alegre, no ano de 2005, a grande crítica tinha sido seu caráter acadêmico, assumindo o perfil, mais de um simpósio de profissionais, do que realmente de um fórum com matiz popular. Acatando a sugestão dos participantes de aproximar a metodologia do Fórum de Teologia à do Fórum Social, o Fórum de Nairobi fez profundas mudanças, tanto na dinâmica dos trabalhos como na convocação dos participantes. Em lugar de um grupo mais restrito de acadêmicos, a maioria dos presentes no segundo Fórum estava composta por pessoas ligadas a práticas populares. Por sua vez, os painéis, as comunicações, os seminários e as inserções em realidades concretas do lugar deram um caráter dinâmico, de atualidade e de interação entre os presentes, com discussões, em certos



momentos, acaloradas. As próprias conferências tomaram distância do discurso sistemático para tentar refletir teologicamente sobre questões emergentes. O alcance foi limitado. É que “práticas alternativas requerem igualmente um pensamento alternativo” (Boaventura dos Santos), o que está ainda por se construir. Não podia ser diferente. Com a nova metodologia, paga-se um preço e se correm riscos. No Fórum de Nairobi, para os participantes oriundos de meios acadêmicos, houve muita libertação e pouca teologia e, para os provenientes de um trabalho de base, muita religião e pouca libertação. O desafio para o terceiro fórum será o de promover a interação entre práticas populares e reflexão teológica, agentes de pastoral e teólogos profissionais, os quais, aliás, estiveram bastante ausentes neste segundo fórum. Ainda que não atuem diretamente nas mesas de trabalho, é preciso garantir a presença de, pelo menos, uns cinco teólogos profissionais de cada Continente, pois é neste nível da reflexão que os desafios da realidade são elevados ao conceito, são propriamente teologizados. Para que os fóruns façam processo, precisam também do trabalho profissional de sistematização.

Os conteúdos

O Fórum de Nairobi se propunha debruçar-se sobre a “espiritualidade para outro mundo possível”, mas, em grande medida, ela ficou na penumbra, ofuscada – e com ela a teologia – pelas grandes questões sócio-econômicas, culturais e ambientais, tais como aparecem no Fórum Social. Pelo menos não houve o risco de uma teologia órfã de sociedade, ainda que certas posições de alguns dos presentes tendessem a deixá-la órfã de Igreja e até de religião. Nos futuros fóruns de teologia há dois extremos a evitar: de um lado, o risco do Fórum de Teologia tornar-se uma caixa de ressonância do Fórum Social Mundial, o que seria concorrer e duplicar esforços; e, de outro, o risco de uma teologia híbrida, situada entre uma filosofia ou sociologia da religião e uma mística holista. No novo discurso, a teologia precisa não descuidar de sua pertinência própria, dificuldade experimentada, sobretudo quando ela se propõe articular-se desde o pluralismo cultural e religioso atual. Com razão, J. Sobrino tem insistido que, no esforço de tecer redes e estabelecer pontes entre diferenças, em lugar de buscar “mínimos comuns”, não se pode perder de vista os “máximos verdadeiros” de cada um, no amor a seu próprio povo oprimido. O “mínimo comum” será sempre muito pouco e muito débil para reverter este mundo. O “muito” está em cada religião aprofundar o próprio, no melhor que tenha e no que pensa que mais vai transformar



este mundo. O “máximo” de cada um, juntos, pode infinitamente mais do que os “mínimos comuns”. A grande sintonia necessária para a transfiguração deste mundo não está em torno a determinados conceitos, mas em uma ação comum capaz de reverter a situação de um *homo demens*, em um planeta enfermo.

O tema específico da espiritualidade

Infelizmente, as comunicações e os seminários estiveram pouco focados no tema específico do Fórum, que era a espiritualidade. Também as conferências e os painéis buscaram articular as questões postas pelo mundo de hoje, mais com a globalidade da teologia do que com a espiritualidade em concreto. O painel final, que tinha por objetivo aterrissar toda a discussão na esfera da espiritualidade, não chegou a tematizá-la teologicamente, ainda que tenha buscado trazer as questões de hoje para dentro dela. A dúvida que fica é se um fórum mundial, que não é simpósio, pode focar-se em um tema específico ou deva estar aberto à globalidade das questões que vêm do mundo, das Igrejas e das religiões. E, caso se deixe este leque tão em aberto, então, também não se poderá esperar do fórum uma reflexão teológica muito sistemática. É a mesma realidade com a qual se defronta o Fórum Social Mundial. Ele constitui-se em um ‘espaço’ multi-temático e multi-facético, de reflexão engajada e militante, mas sem pretender desembocar em conclusões e acordos comuns sobre realidades específicas, que se dão de modo tão diverso e particular. A universalidade dos desafios desautoriza a pretensão de uniformidade das respostas.

Perspectivas de futuro para o Fórum

Por mais que o Comitê Organizador tenha experiência de eventos desta natureza, é no próprio caminhar que se poderá ir aprimorando metodologia, dinâmicas, teor das discussões e, conseqüentemente, os resultados. Duas avaliações nortearão os rumos do próximo fórum – uma dos participantes, feita no final dos trabalhos e, outra, do Comitê Internacional que dá sustentação ao evento, em reunião no dia seguinte ao encerramento do Fórum. Nestas avaliações, aparecem algumas recomendações muito sugestivas. Uma delas é a de continuar aproximando a metodologia do Fórum de Teologia e Libertação à metodologia do Fórum Social Mundial: portanto, não se pode esperar dele muita profundidade na



reflexão e nem muita sistematização dos conteúdos. Pensa-se importante privilegiar o evento como um espaço de emergência de novas intuições, que se desprendem de práticas significativas. E para que não resulte frustrante aos que buscam avanços na reflexão, convém zelar pela presença de um certo número de teólogos profissionais, capazes de ir fazendo, no interior do próprio Fórum, a interação entre ação e reflexão.

Uma outra recomendação diz respeito à manutenção, no programa dos próximos fóruns, da inserção concreta dos participantes em realidades populares, que ensaiam práticas libertadoras. Esta foi a grande novidade do Fórum de Nairobi, a qual teve forte impacto sobre sua posterior reflexão. Inclusive lembrou-se que, se as visitas a experiências significativas fossem colocadas mais no início dos trabalhos, o efeito seria ainda mais positivo. Como se trata de um fórum de teologia e libertação, não se pode perder de vista que a teologia é um ato segundo, precedido pelo ato primeiro da prática libertadora da fé. Antes da teologia vem a libertação. Um “fórum mundial” não pode perder de vista o “mundo real” (J. Sobrino) e, dentro dele, a realidade nua e crua dos pobres. Não basta a Igreja se propor inserir-se dentro do mundo. É preciso perguntar-se, dentro de que mundo (G. Gutiérrez). Do mundo dos 20% de privilegiados ou do mundo dos 80% de excluídos? Do lado destes, está a ótica evangélica para ler a totalidade da realidade, que se constituiu no princípio hermenêutico de uma teologia isenta de cinismo diante do sofrimento do pobre. É no confronto direto, com o mundo dos crucificados, que nossa tarefa de transfiguração de tudo o que está desfigurado aparece de forma histórica e concreta.

Uma terceira recomendação importante indica a necessidade de clarear melhor os objetivos do Fórum de Teologia e Libertação. Houve sugestão de três objetivos: primeiro, ser um espaço de encontro para teólogos que trabalham na perspectiva da libertação; segundo, propiciar a interação entre práticas libertadoras e seus agentes e a reflexão teológica; e, terceiro, constituir-se num esforço de presença pública da teologia no seio da sociedade, para além do espaço eclesial ou confessional. Sem dúvida, em um mundo globalizado, a produção teológica não pode estar restrita aos desafios de uma determinada região. A mundialização universaliza igualmente desafios, outrora regionais. Amplia-se o horizonte de uma teologia contextualizada. Por isso, é preciso escutar diferenças e articular um discurso mais narrativo, de experiências concretas, do que de conceituações acadêmicas. É momento de a teologia voltar a debruçar-se com novo olhar sobre o pré-teológico – as práticas libertadoras da fé, que



mudaram substancialmente nos últimos tempos. E, desde aí, assumir seu papel profético, no seio de uma sociedade carente de vozes e práticas, que sejam motivo para os pobres continuarem esperando.

Uma quarta recomendação diz respeito à periodicidade do Fórum. No seio do Comitê Internacional, houve vozes que se pronunciaram em favor de sua realização de quatro em quatro anos, por duas razões: uma, pelo fato da maior lentidão da reflexão teológica em relação aos acontecimentos sócio-culturais, num mundo em acelerado processo de transformação; outra, pelo peso sobre os ombros do Comitê Organizador, encarregado de organizar o evento e buscar seu financiamento. Entretanto, para a maioria dos membros do Comitê, o Fórum deveria realizar-se a cada dois anos, pelo menos até que sua metodologia esteja melhor desenhada e solidificada. E, mais que isso, além dos fóruns mundiais, a exemplo do Fórum Social, é preciso também ir criando uma mentalidade favorável à realização de fóruns locais e regionais. Aí, sim, se poderia pensar na realização de fóruns mundiais a cada quatro anos. Também se levantou a hipótese de se realizar o fórum de teologia depois do fórum social, sobretudo para propiciar a participação, já financiada, de mais gente. Mas, optou-se por mantê-lo na semana anterior, para não dispensar a teologia da obrigação de criatividade e, muito menos, para não fazer dos teólogos meros intérpretes e comentadores do que se passa no Fórum Social Mundial.

O suporte organizacional

Como toda iniciativa de tal envergadura, o suporte organizacional vai se desenhando no caminhar, de acordo com as necessidades e possibilidades que se apresentam. Até o momento, quatro estruturas deram sustentação aos fóruns: um Comitê Internacional, promotor do evento; o Secretariado Permanente, com sede em Porto Alegre; um Comitê Local temporário, constituído no lugar onde o evento se realiza; e um Grupo de Entidades de Apoio, que garante seu financiamento. Com a realização do segundo fórum, a experiência apontou para a necessidade de uma reestruturação da organização. Continuam existindo os Comitês Internacional e Local, bem como o Grupo de Entidades de Apoio, mas se decidiu reforçar o trabalho do Secretariado Permanente. Ele passa, agora, a ser o Comitê Organizador, integrado por Instituições Acadêmicas próximas de Porto Alegre e pela Ameríndia, respaldado por um Comitê Consultivo, constituído por pessoas inspiradoras do Fórum.



A realização do Fórum de Nairobi esteve assentada sobre três estruturas: o Secretariado Permanente, tendo à frente o eficiente trabalho de Luiz Carlos Susin, respaldado pela experiência de Sergio Torres, inspirador, junto com Leonardo Boff, do Fórum Mundial; o Comitê Local, presidido por Mary N. Getui, impecável na organização, logística e coordenação dos trabalhos; e um Comitê Teológico, que ajudou a costurar as reflexões durante o evento, integrado por L. Magesa, Tereza Okure, K. C. Abraham, Eugene Goussikendey (África), Diego Irrarrábal, Agenor Brighenti (América Latina), J. J. Tamayo (Europa) e Denise Couture (Canadá).

Dois momentos transcendentais do Fórum

Não se poderia terminar este relato sobre o segundo Fórum Mundial de Teologia e Libertação, realizado em Nairobi, sem tecer um breve comentário sobre dois momentos transcendentais do fórum – a visita a Kibera e Gorogochi e a presença e alocação do Arcebispo sul-africano Desmond Tutu, encerrando os trabalhos.

A visita a Kibera e Gorogochi

O Fórum de Teologia e Libertação de Nairobi foi aberto com uma análise da realidade sócio-econômica global, de F. Houtart. Chamou a atenção para a lógica nefasta do sistema liberal-capitalista globalizado, alicerçado no “consenso de Washington” – liberdade de mercado em um mundo desigual, com vantagem para o mais forte, numa espécie de darwinismo social. As conseqüências mais drásticas são: o desemprego, o desmantelamento do sindicalismo, o Estado como um custo e não como um serviço, o saber (universidades) em função do lucro (multinacionais), o desastre ecológico, a militarização do planeta pelo controle dos recursos naturais e, no plano cultural, o individualismo como um valor supremo, entre outras. O resultado é um escândalo: os 20% da população mundial concentram 82,7% da renda, enquanto que os 80% da população restante detêm somente 20% da renda. E, apesar disso, muitos pensam – incluída a Doutrina Social da Igreja – que o sistema liberal-capitalista pode ser humanizado, reformado, quando a única saída é deslegitimizá-lo. Uma esperança é a crescente resistência no mundo inteiro, tal como se manifesta no Fórum Social Mundial. A saída é criar uma vontade política e passar da consciência à ação, através de um novo sujeito histórico, das proporções de uma sociedade civil mundial.



Apesar da dramaticidade do quadro, é muito diferente ouvir isso em uma sala, sentados em poltronas confortáveis, equipada com todos os recursos audiovisuais modernos, entre pessoas pertencentes aos 20% dos privilegiados, do que ver, com os próprios olhos, a realidade nua e crua dos 80% dos excluídos. Pois, o Fórum de Nairobi expôs seus participantes ao choque desta realidade, propiciando uma tarde inteira de convivência com contingentes humanos, escória da humanidade. Nairobi conta com um milhão e meio de habitantes, 50% dos quais partilhando apenas 5% do território, nas favelas de Kibera e Gorogochi. Fala-se que em Kibera, a maior favela da África, vivem 700 mil pessoas, no infundável amontoado de barracos de barro, cobertos de zinco, cortado por ruelas, que além de passagem, servem de lixeiro, lugar de comércio, de passeio, de escoamento do esgoto a céu aberto, da conversação gratuita e alegre, de audição de música etc. Não há água encanada e nem luz elétrica. Odores de toda índole – de fezes a frituras – agridem o olfato do visitante. Choca a ausência total do Estado. Não há sequer um único serviço público, do transporte a uma escola, de um posto policial a um posto de saúde. Órfãos de sociedade, resta-lhes a criatividade na informalidade, estampada na infinidade de postos de venda de alimentos, de cabeleireiros que zelam pela auto-estima ou de carpinteiros e serralheiros que constroem um banco, uma cama ou uma cadeira, etc. Ao contrário do mercado da economia liberal-capitalista globalizada, oferta e demanda, aqui, acontece entre iguais, com divisão de renda na fonte.

Depois do choque, vem a grata surpresa. Kibera não é só isso. A África não é apenas um Continente que estampa miséria e sofrimento. É inacreditável, mas, para entrar em Kibera, a gente pode deixar o medo em casa. Uma tarde inteira caminhando em ruelas apinhadas de gente e nenhum ato de violência ou agressão, visto ou sofrido; nenhum pedinte, ao contrário, crianças oferecendo hospitalidade, mulheres sorridentes vendendo seus produtos, jovens flertando animados, idosos sentados, venerados, resolvidos a não mais contar seus parques anos. Em Kibera, convivem vinte e quatro povos, com seus idiomas e culturas próprias, alguns deles, refugiados de países vizinhos. E continuam chegando, do Sudão ou da Somália, pois ali há lugar e acolhida para todos. Tudo é desconcertante, sem lógica, um caos não caótico, criativo. A gente entra em Kibera com sentimento de pena e sai com sentimento de admiração, pois essa gente nos remove as entranhas de misericórdia. Como saber de onde lhes vêm a alegria de viver, a capacidade de acolhida, a vitalidade e a força para lutar, a coragem e a esperança contra toda esperança? São os



pobres também interpelando a fé, o teólogo, a teologia. Constituindo-se em princípio hermenêutico da revelação e lugar teológico para falar de Deus (J. Sobrino). São os excluídos, erigindo-se como instância ética, clamando por responsabilidade. Não só a dos outros, mas também a de cada um.

A gente vê e vai embora, impotente, desconcertado, silencioso, envergonhado por ser Igreja, às vezes, sem entranhas e profetismo, outras vezes, com o coração inquieto e tomado de compaixão. Mas, há um fio de esperança. Os habitantes de Kibera, são órfãos de sociedade, mas não de Igreja. Órfãos, mas não sozinhos, pois sobra-lhes solidariedade e partilha, tal como testemunha a presença cristã e de outros credos. Não se faz muito, e até resultam insignificantes as múltiplas iniciativas, que vão desde a assistência à promoção humana. Mas, se faz o essencial, primeiro deixando-se evangelizar pelos pobres; depois sendo presença gratuita, tal como a presença de Deus em nossa vida. Em um mundo mercantilizado, é edificante ver pessoas que têm a ousadia de testemunhar que as coisas mais importantes na vida são aquelas que não servem para nada, que são impossíveis de comprar. O essencial resistirá sempre ao mercado. E é fundamental que ele esteja sempre presente nos fóruns de teologia, ainda que de forma chocante como Kibera. Os teólogos não podem fazer da academia um lugar teológico. Se os pobres e seu mundo não se constituírem no *locus theologicus* por excelência, a teologia terá deixado de cumprir sua primeira missão – deixar Deus ser Deus, que continua se revelando nos pobres.

A alocação de Desmond Tutu

A África não é só miséria e sofrimento. É sobretudo reserva cultural, espiritual, de valores profundos. Em sua gente, não há lugar para o pessimismo. Ela é fonte de vitalidade e esperança. É mosaico de povos, culturas e religiões. De verdadeiros heróis anônimos e reconhecidos, referências éticas, como Nelson Mandela. Ela é também Desmond Tutu, que os organizadores do Fórum tiveram a feliz idéia de convidar para que encerrasse os trabalhos da semana. O Arcebispo, tendo uma Bíblia na mão como única bagagem, chegou e foi introduzido por Sergio Torres, chileno, que fez um paralelo entre Pinochet – exterminador de esperança, e o profeta que se levantou com seu povo contra o *Apartheid* – arauto da esperança em um mundo de irmãos de todas as cores. Tal como N. Mandela, cujas décadas de prisão, em lugar de endurecer-lhe o coração, forjaram um ativista humilde e pacífico, Desmond Tutu, como o sândalo, só exala perfume dos golpes



que sofreu. Sem guardar sequer uma gota de ódio dos brancos, ele é um negro sorridente, de um coração de todas as cores, habitado pela virtude do humor, expressão da felicidade de Deus.

Durante mais de uma hora, o bispo negro prendeu o auditório entre gargalhadas e lágrimas, reflexão e oração. Tenaz como um carvalho, confessa que apesar da longa e tortuosa luta com seu povo contra o *Apartheid*, desde o primeiro momento, jamais duvidou que iriam vencer, pois estavam certos da presença de Deus em seu meio. E Deus não falhou, pois a paixão de Jesus, prolongada na paixão de negros preteridos por irmãos brancos, se fez ressurreição em uma nova ordem jurídica. Ressurreição, entretanto, que se processa, em dores de parto, no cotidiano de um largo caminhar, fazendo aterrizar, pouco a pouco, o ideal do Reino de Deus no real de uma nação, que ensaia vivências de um mundo de irmãos. Sem deixar-se tentar pelos efêmeros louros da vitória, o bispo negro, realisticamente, se pergunta se a África do Sul, hoje, está melhor do que aquela de antes do fim do *Apartheid*. Ontem, havia brancos que excluía; hoje, em um mundo globalizado, continua um sistema que segrega e vitima, que exclui e ergue muros que separam irmãos da mesma cor. A luta é longa e complexa, pois se ontem implicou um enorme esforço para implodir o *apartheid* que estava fora, hoje, não menos fácil é superar o *apartheid* de um sistema iníquo e de atitudes pessoais, que carregamos dentro de nós. Daí a urgência e a necessidade de “fazer a revolução como alguém perdoado” (González Faus). Não são só os outros, os opressores, que necessitam de conversão. Também as práticas libertadoras são perpassadas pela condição humana e estão marcadas pela incoerência, personalismos e protagonismos. É preciso humildade, para deixar que o mesmo ardor, que nos move a libertar os outros, nos leve a acolher a graça que liberta a nós mesmos. E então, libertos, podemos ajudar os outros a se libertarem.

Endereço do Autor:

ITESC

Caixa Postal 5041

88040-970 – Florianópolis – SC